

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT

LETRAS

MÔNICA CRISTINE ARIAS DE MATTOS

**PURITANISMO X FEMINISMO NA OBRA *A LETRA ESCARLATE* DE
NATHANIEL HAWTHORNE**

ATIBAIA

2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT

LETRAS

MÔNICA CRISTINE ARIAS DE MATTOS

**PURITANISMO X FEMINISMO NA OBRA *A LETRA ESCARLATE* DE
NATHANIEL HAWTHORNE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do grau
de Licenciado em Letras pelo Centro
Universitário UNIFAAT, sob orientação da
Profª Drª Beatriz Teixeira Fiquer

ATIBAIA – 2018

FOLHA DE APROVAÇÃO**CURSO DE “LETRAS”****Termo de aprovação****MÔNICA CRISTINE ARIAS DE MATTOS****“Puritanismo x Feminismo na obra *A Letra Escarlata* de Nathaniel
Hawthorne”.**

Trabalho apresentado ao Curso de “Letras”, para apreciação da professora orientadora Beatriz Teixeira Fiquer, que após sua análise considerou o Trabalho _____, com nota _____.

Atibaia, SP, ____ de _____ de 2018.

Profª Drª Beatriz Teixeira Fiquer

Dedico o resultado deste trabalho ao Universo, às Deusas e aos Guardiões, que de maneira tão sutil e fraterna me mostraram o caminho a percorrer. Dedico aos meus pais, muito atenciosos e prestativos, às minhas filhas, Fernanda e Jessica, por apoiarem essa minha nova formação. E dedico, em especial, ao meu querido Gabriel, meu Anjo da Guarda, disfarçado de filho, que esteve comigo durante essa trajetória acadêmica.

Agradeço ao corpo docente do curso de Letras, principalmente, à minha orientadora, Prof^a Dr^a Beatriz Teixeira Fiquer, pela clareza nas informações, agilidade nas devoluções e bom humor nas correções. Agradeço à Prof^a Tamara Critchi de Freitas, por auxiliar na escolha das obras bibliográficas. Agradeço, em especial, meu amigo Alan Pilotto, por sugerir um tema que finalmente tanto combinou com meu gosto literário.

“Ninguém, pelo tempo que for, pode ter uma cara para si e outra para o mundo sem acabar ficando confuso, sem saber qual é a verdadeira...”

(Nathaniel Hawthorne)

RESUMO

O estudo apresentado foi desenvolvido com o objetivo de confirmar a presença das características do Puritanismo e do Feminismo na obra *A Letra Escarlata*. Os dois conceitos estão presentes nas sociedades desde os tempos medievais.

O Puritanismo, reconhecido como teologia pastoral desde 1524, baseava-se nas Escrituras Sagradas e, através delas, os representantes puritanos pregavam uma moral rígida e convencional. Porém, o Feminismo só foi reconhecido oficialmente a partir do final do século XIX, inicialmente em forma de movimentos por emancipações e conquistas das mulheres. Sabe-se, no entanto, que o Feminismo trata de um processo, com raízes bem antigas e que perdura até os dias atuais.

Nesse estudo, serão abordadas características desses dois conceitos e como, de forma tão antagônica, relacionam-se no século XVII, nessa obra de Nathaniel Hawthorne.

Palavras-chave: *A Letra Escarlata*. Nathaniel Hawthorne. Puritanismo. Feminismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO1: PURITANISMO E FEMINISMO.....	2
1.1 – O que é Puritanismo?	2
1.1.1 – História do Puritanismo.....	3
1.1.2 – Puritanismo na América.....	6
1.2 – O que é Feminismo?.....	9
1.2.1 – Feminismo na América.....	12
CAPÍTULO 2: VIDA E OBRA.....	16
2.1 – Sobre o autor.....	16
2.2 – <i>A Letra Escarlate</i>	20
2.2.1 – Resumo de <i>A Letra Escarlate</i>	22
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA OBRA.....	26
3.1 – O Puritanismo das personagens da pequena Boston.....	26
3.2 – O Feminismo de Hester Prynne.....	31
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
WEBGRAFIA	39

INTRODUÇÃO

Pretende este trabalho identificar as características do Puritanismo e do Feminismo na obra *A Letra Escarlata*. Esse estudo, ao aprofundar no conhecimento teórico que fundamenta tais conceitos, abrirá novas perspectivas para uma leitura mais completa da obra.

A Letra Escarlata é um conceituado clássico da literatura americana que aborda temas de moralidade, hipocrisia, amor, confiança, obstinação, pecado, intolerância, poder da sociedade sobre o ser humano e as obrigações a ele impostas. Possibilita várias abordagens e análises, porém é preciso ressaltar, no entanto, que nesse estudo serão abarcadas apenas as características do Puritanismo e Feminismo presentes na obra. Alguns dos temas acima citados poderão eventualmente ser mencionados por estarem incluídos em tais características, mas não serão considerados objetos específicos do estudo.

É de grande importância, entretanto, considerar que o Feminismo surge oficialmente a partir de 1920, porém busca-se encontrar nesse estudo tais características, supostamente já existentes em forma de pensamentos e atitudes na personagem principal da obra.

Assim, o primeiro capítulo aborda o Puritanismo, desde seu surgimento em 1524, na Inglaterra, até sua decadência na Nova Inglaterra, a partir do início do século XVIII. Neste mesmo capítulo, também está a fundamentação teórica do Feminismo, desde suas primeiras manifestações dos tempos medievais, passando pelas “ondas feministas” e chegando até os dias atuais.

O segundo capítulo apresenta a descrição do *corpus*, discorre sobre a vida do autor e suas principais obras. Traz curiosidades sobre a obra estudada, adaptações para o cinema e o resumo da obra, objeto principal deste estudo.

No terceiro capítulo, a análise das pesquisas é apresentada seguindo a estrutura do primeiro capítulo, ou seja, Puritanismo e, na sequência, Feminismo.

Por fim, na conclusão do trabalho, verifica-se se as características dos dois conceitos propostos estão presentes na obra e como se relacionam.

CAPÍTULO 1: PURITANISMO E FEMINISMO

1.1 - O que é Puritanismo?

De acordo com Lloyd-Jones, (2016) o Puritanismo é conceituado pelo anglicanismo como uma teologia pastoral que teve início entre final de 1570 e início de 1580 com Richard Greenham. Ao ensinar os jovens, principalmente sobre os aspectos pastorais abordando a dificuldade durante a vida cristã desses mesmos jovens, acabou por criar uma escola completa.

Porém o autor considera que o Puritanismo é um tipo de mentalidade e acredita que começou a manifestar-se antes, a partir de Willian Tyndale, teólogo e linguista erudito inglês, que por volta de 1524, tendo o desejo de que o povo comum lesse as Escrituras saiu da Inglaterra sem autorização dos bispos. Na Alemanha, com a ajuda de Lutero, monge agostiniano, professor de teologia e figura central da Reforma Protestante, lançou uma tradução da Bíblia.

Segundo o autor, essas atitudes significam “a colocação da verdade antes das questões de tradição e autoridade, e uma insistência na liberdade de servir a Deus da maneira como cada um julga certa” (Lloyd-Jones, 2016, p.281). O que deveria prevalecer era o espírito e a atitude da verdade e dentro desses conceitos esta mentalidade continuou a se espalhar.

Já para Burgess (1999), o pensamento e o agir dos puritanos foram assim explanados:

Os puritanos queriam um tipo de cristianismo mais puro do que aquele que a Reforma dera ao país. Queriam um cristianismo que não admitisse tolerância, nenhuma alegria, nenhuma cor, até mesmo caridade: uma religião austera que desconfiasse de qualquer prazer e que punisse o vício de maneira mais rigorosa possível. (BURGESS, 1999, p.123)

Assim, os sermões puritanos eram rigorosamente baseados nas Escrituras Sagradas, pois, segundo Lloyd-Jones (2016), esses sermões deveriam fluir e crescer somente da Palavra de Deus. De acordo com Burgess (1999), assuntos como o sexo eram tabus para o

Puritanismo, sendo uma época de moralidade convencional, que considerava o pai um chefe divino, e a mãe um ser submisso. Os elementos arquitetônicos, litúrgicos e cerimoniais foram eliminados das igrejas puritanas, pois confrontavam com a simplicidade que a Bíblia pregava.

Essa simplicidade comparada à virtude, segundo Beeke (1996), deveria se estender para a pureza da alma, pois, nos sermões os puritanos, pregavam sobre a doutrina do pecado, considerando-a uma rebelião moral contra Deus. Essa rebelião trazia um sentimento de culpa caso não houvesse arrependimento. Pregavam que somente a reforma interna vinda do Espírito Santo era válida. Considerados gigantes espirituais nas Escrituras, usavam a palavra para persuadir as pessoas, visto que proferiam que a Palavra quando revelada, passo a passo, mostrava as Escrituras diante de todos. Os puritanos davam ênfase ao dever da fé, pregavam aos que não se arrependiam, pedindo para pararem de fazer o mal e se voltarem a Deus, apresentavam a Bíblia para convencer os incrédulos.

Ainda segundo o autor, Jesus era apresentado como um Salvador completo em quem as pessoas poderiam confiar que o pregador era seu melhor amigo porque seria aquele que iria dizer mais verdades sobre si mesmo. Pregavam que Jesus tinha como alvo a convicção do pecado, mas persuadiam as pessoas para que através da culpa elas servissem a Deus de forma total e plena, de acordo com convenções puritanas.

Combatiam aquilo que chamavam “a graça barata”, conforme afirma Beeke (1996, p.47) “Graça barata significa que eu aceito Jesus na minha própria força. Ele reforça um pouco a minha vida por fora, porém eu continuo agindo com os princípios egocêntricos no meu interior.” Para os puritanos, a “graça barata” permitiria que as pessoas servissem a Deus, mas continuassem na vida mundana, e isso para eles era inaceitável.

Para o autor Burgess (1999), os sermões e pregações acabavam por exercer um tipo de governo exercido por homens que se consideravam santos, conforme afirma:

Os puritanos seguiam João Calvino, de Genebra, que ensinava que o livre-arbítrio não existia e que os homens estavam predestinados, desde o começo dos tempos, a ir ou para o céu ou para o inferno. Essa doutrina, ao estabelecer que nossos feitos e malfeitos faziam muito pouca diferença em relação a nosso destino final, conduzia ao controle do comportamento moral das pessoas mais a partir do exterior do que do seu interior. (p.123)

Os puritanos acreditavam que Deus protegeria homens que estivessem convencidos na totalidade de que era necessário salvar almas e que eram humildes em seu coração. Com essa convicção e acreditando sendo os enviados por Deus para tal missão atravessaram os oceanos em busca de novas terras.

1.1.1 – História do Puritanismo

Lloyd-Jones (2016) marca o início do Puritanismo com Willian Tyndale, em 1524. A forma como enfrentou e venceu os obstáculos, saindo da Inglaterra sem autorização dos bispos no intuito de conseguir traduzir a Bíblia para torná-la acessível ao povo e seu insistente esforço em disseminar a palavra do evangelho de Deus, foram atitudes que marcaram o Puritanismo não apenas como um termo, mas sim como uma questão de mentalidade.

Por volta de 1539, Henrique VIII, Rei da Inglaterra, estava interessado em tornar-se o chefe da Igreja da Inglaterra e seus mandos e desmandos (modificar o conceito de purgatório, culto aos santos, culto das relíquias sagradas, proibir casamento dos clérigos, culto somente em latim, entre outros), proporcionou o reaparecimento da atitude puritana típica. Aqueles que consideravam intoleráveis as atitudes da Igreja Católica e de Henrique VIII foram para o continente europeu. Na Europa, sob influência do ensino de Zwínglio e de João Calvino, esses ingleses foram persuadidos e não se contentavam mais em apenas se opor à doutrina católica.

O autor explica que:

Agora começaram a sentir que a Reforma era incompleta, e que não era suficiente apenas mudar a doutrina e se livrar do falso ensino católico. A obra de reforma tinha que ser levada adiante e ser efetuada em termos de prática também. A noção de uma Reforma incompleta pegou. Certamente essa é a nota essencial e mais característica do puritanismo – a sensação de que a reforma não tinha ido suficientemente longe (LLOYD-JONES, 2016, p.283).

Tyndale, mais complacente, defendia que desde que fossem explicadas ao povo, era possível tolerar as vestes, cerimônias e outros rituais católicos. Outros ingleses baseavam-

se na “declaração do Senhor registrada no fim do capítulo nove do Evangelho, segundo Lucas, sobre como o homem que põe a mão no arado nunca deve olhar para trás. Essa era a ilustração que usavam para insistir em que a obra deveria ser realizada cabal e completamente” (LLOYD-JONES, 2016, p.283). Esses protestantes devem ser considerados os primeiros puritanos, porque tinham o pensamento e o modo de agir tipicamente puritano.

Posteriormente, no reinado de Eduardo VI, no período de 1547 a 1553, surgem na igreja dois conceitos: o anglicano que é progressivo e evolutivo, considerado católico, e um conceito puritano que é inerte, no qual tudo é estabelecido pelo Novo Testamento. Lloyd-Jones (2016) confirma os conceitos:

Richard Cox – um anglicano que fugira da Inglaterra – chegou ali. Ele era um homem forte, uma personalidade vigorosa, e podia influenciar muitas pessoas. Ele se opôs, e disse que “eles teriam que fazer como teriam feito na Inglaterra, e teriam que ter o rosto de uma igreja inglesa”. A isso, John Knox replicou: “Queira o Senhor que ela tenha o rosto da Igreja de Cristo”. Igreja inglesa – Igreja de Cristo. Aí vocês têm a divisão essencial entre anglicano e puritano. (LLOYD-JONES, 2016, p.287).

No período inicial do reinado de Elizabeth I, por volta de 1558, os protestantes anglicanos aceitaram posições oficiais como as de bispos e de outras na Igreja (comandada pela rainha Elizabeth I) sob o argumento de que se recusassem o que era imposto, a rainha nomearia católicos em lugar deles.

Diferentemente, os puritanos desafiaram a rainha e não se acomodaram a uma resistência passiva. Porém, a situação ficou muito endurecida e muitos retornaram ao continente e “tinha ficado mais do que claro, nessa altura, que, como resultado da atitude da rainha, dos bispos e de certos homens poderosos da corte, virtualmente não havia esperança de reformar a igreja da Inglaterra numa direção verdadeiramente puritana” (LLOYD-JONES, 2016, p. 295).

A partir do final da década de 1570, devido aos movimentos na tentativa de transformar toda a Igreja da Inglaterra numa Igreja Presbiteriana terem falhado, eles voltam a se concentrar no ensino moral e pastoral e na teologia pastoral.

Com a morte da rainha Elizabeth, em 1603, assume Tiago I, criado na Escócia e calvinista. Os puritanos se sentem então à vontade para encaminhar à corte uma petição, conhecida como Petição Milenária, que pedia que a igreja anglicana tornar-se totalmente puritana, na liturgia e na administração. A petição foi examinada em Hampton e totalmente rejeitada.

Em reação, em 1620 um grupo de puritanos emigraram para a América no navio *Mayflower*. Os que ficaram na Inglaterra deram continuidade ao ensino e pregação moral e espiritual. Porém, chegando em 1640, o anglicanismo foi abolido e o presbiterianismo estabeleceu-se oficialmente. Depois o congregacionalismo assume o poder e finalmente, em 1662, chega-se ao final do Puritanismo anglicano na Inglaterra.

1.1.2 Puritanismo na América

Em 1620, a bordo do navio *Mayflower*, a caminho da América, os puritanos criaram um pacto no qual se comprometiam a seguir leis justas e iguais, reforçando mais uma vez as ideias de sacrifício, virtude e coragem, que norteavam os seus princípios. Fixaram-se na Nova Inglaterra e fundaram as colônias de Massachusetts e Connecticut.

Durante o período inicial dos puritanos na América, eles criaram o Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving*) para comemorar a primeira colheita de milho, que ocorreu em 1621. Na refeição, além do próprio milho, acrescentaram a ave nativa que era o peru e as tortas de abóbora. Comemoravam e agradeciam porque esses puritanos recém-chegados da Inglaterra entendiam que eles eram um grupo escolhido por Deus para criar uma sociedade de “eleitos”.

De acordo com Karnal (2003, p.38):

Em toda a Bíblia procuravam as afirmativas de Deus sobre a maneira como Ele escolhia os seus e as repetiam com frequência. Tal como os hebreus no Egito, também eles foram perseguidos na Inglaterra. Tal como os hebreus, eles atravessaram o longo e tenebroso oceano, muito semelhante à travessia do deserto do Sinai. Tal como os hebreus, os puritanos receberam as indicações divinas de uma nova terra.

Os puritanos acreditavam que poucos eram salvos por Deus, somente aqueles que eram fiéis à tradição dos reformistas Lutero e Calvino, e eles, claro, estavam entre os que seriam salvos. Além disso, consideravam-se predestinados. Acreditavam na soberania de Deus e na autoridade das Escrituras que, na verdade, tinham por finalidade, controlar toda uma nação. Entendiam que Deus se relacionava com as pessoas através de pactos, conforme Beeke (1996).

Assim, para manter sua identidade sempre presente, os puritanos exerciam um controle muito grande sobre as atividades dos indivíduos, principalmente no contexto sexual, modelo já trazido da Inglaterra. Daí o termo “puritano” utilizado até os dias atuais para referirem-se às pessoas que se controlam e controlam os outros. A fundação do Colégio de Harvard, em 1636, e de uma máquina impressora em 1636, na Nova Inglaterra, permitiu a disseminação de leituras reforçando os princípios puritanos (CUNLIFFE, 1986).

A população da Nova Inglaterra cresceu rapidamente em um século, passando de dois mil e quinhentos para três milhões de habitantes. Em relação à formação do que viriam a ser os Estados Unidos, misturaram-se vários tipos de colonos “aventureiros, órfãos, membros de seitas religiosas, mulheres sem posses, crianças raptadas, negros e africanos, degredados, comerciantes e nobres” (KARNAL, 2003, p.39).

Sentiram que deveriam começar a pregar a necessidade da conversão, pois a fé simplesmente intelectual não bastava, sendo preciso ter também entendimento dos sentimentos. Os puritanos da colônia de Massachussetts decidiram que sua igreja deveria ter poderes civis também. A partir daí, em nome dessa Igreja-Estado, várias províncias foram tomadas. Segue-se que somente membros da Igreja Puritana poderiam votar e ter cargos públicos, depois disso, a presença da Igreja era obrigatória nas cerimônias, todos os novos credos teriam que ser aprovados pela Igreja e pelo Estado. Finalizando, ficou estabelecido que a Igreja e o Estado agiriam juntos para condenar as desobediências às normas.

Ainda segundo o autor, totalmente avessos a contestações, os puritanos da Igreja-Estado agiram com total autoritarismo, no fato que ficou conhecido como a perseguição às bruxas de Salem, no ano de 1692. A cidade passou por uma histeria coletiva, que iniciou com um grupo de jovens que se declararam enfeitiçadas. A partir daí, houve vários surtos

com moças que gritavam, rolavam no chão, ficavam doentes sem causa aparente, não acordavam pela manhã; animais morriam e árvores cheias de frutos secavam. Muitas pessoas foram examinadas e acusadas, pois havia uma crença geral que os seguidores do demônio tinham um sinal no corpo. Essas pessoas eram submetidas a torturas e muitas delas resolviam confessar que estavam associadas ao demônio ou feitiçaria, mesmo sem provas.

O que se considera é que houve grande frustração nas comunidades puritanas, onde o sonho de uma comunidade perfeita que fora construída de acordo com as leis de Deus e da Bíblia não se realizou. Diante do aparente surto de feitiçaria, os pastores puritanos reconheceram uma oportunidade de recuperar o controle de sua comunidade.

De acordo com Karnal (2003, p.46):

Os habitantes haviam se dado conta de que não apenas a Bíblia e as boas intenções haviam atravessado o oceano, mas todas as suas mesquinhas, maledicências e tensões entre vizinhos. Melhor seria, assim, atribuir estes problemas aos demônios e seus seguidores.

Nesse período, a vida cotidiana das colônias muito se assemelhava às famílias europeias. As famílias tinham muitos filhos, mas a taxa de mortalidade infantil era alta. O sistema era patriarcal, porém todos os membros da família deveriam trabalhar. O ócio era pecado, portanto deveriam enriquecer pelo trabalho, o que era, inclusive, uma obrigação do puritano. Para Calvino, o trabalho não era castigo; era uma bênção.

Os tecidos, alimentos e velas eram produzidos artesanalmente pelas mulheres, em suas casas. As mesmas trabalhavam em casa e fora também. Era através das mulheres que as famílias se vestiam, comiam e obtinham a iluminação. Dificilmente ficavam solteiras, casavam-se por volta dos 24 anos de idade. As mulheres não tinham identidade legal. A vida delas girava em torno do pai e depois do marido. O divórcio era pouco disseminado nas colônias e assim a maioria delas casava-se uma única vez. As crianças puritanas eram vestidas como pequenos adultos puritanos a partir dos sete anos de idade, ou seja, usavam roupas muito sóbrias, com tons escuros e sem joias ou ornamentos. Aprendiam a ler, escrever e o ofício dos próprios pais, de acordo com Karnal (2003).

O Puritanismo foi perdendo influência gradualmente na Nova Inglaterra, a partir do início de século XVIII, apesar de Jonathan Edwards, filósofo norte-americano, entre os anos

de 1730 e 1740 ter conseguido reviver o pensamento puritano através do “Grande Despertamento” que foi um avivamento religioso que tinha por objetivo acender os ideais religiosos, que começaram a ficar comprometidos a partir da atuação dos puritanos no episódio da caça às bruxas em Salem.

1.2 O que é Feminismo?

Segundo Alves e Pitanguy (1985), o termo Feminismo não tem até os dias atuais uma definição precisa, porque o termo revela um processo que tem raízes num passado longínquo, é construído no cotidiano e não tem um ponto específico de chegada. É permeado de transformações, contradições, avanços, recuos, medos e alegrias.

O Feminismo surge e resurge em momentos históricos, quando os movimentos de libertação denunciam estados de opressão, não só econômicos. Ele busca, enquanto movimento “superar as formas de organização tradicionais permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo” (ALVES e PITANGUY, 1985, p.8).

Além disso, objetiva recriar a identidade do gênero sob uma ótica na qual o indivíduo não precise seguir modelos hierárquicos, e em que as qualidades ditas femininas ou masculinas sejam consideradas atributos do ser humano em sua totalidade. Os pontos de vista e iniciativas são validados não por meros acordos ou convenções, e sim porque foram gerados através de prática de conhecimento, da experiência individual e comum de mulheres.

Lévi-Straus, (*apud* BEAUVOIER, 1967), antropólogo e filósofo belga, ao encerrar seu estudo sobre as sociedades primitivas, afirma que a autoridade pública, ou simplesmente social, pertence sempre aos homens. As relações estabelecidas ocorrem entre homens e outro grupo de homens, e as mulheres fazem parte dos bens que todos esses homens possuem. Desta forma, as mulheres não têm uma relação direta e autônoma com os homens, o que vem se perpetuando.

De acordo com Beauvoier (1970), nas coletividades nota-se que as mulheres têm um papel unicamente nutriente e não de criação: mantém a vida da tribo, dando à luz aos filhos, produz o alimento, assume o papel estático da sociedade. Quanto ao homem, tem

funções como a guerra, a caça, a pesca, tudo que representa criação e expansão. Assim, o homem representa a transcendência, enquanto a mulher é estática, considerada sua força física precária, pelos homens.

Conforme Alves e Pitanguy (1985), por séculos afora, as mulheres têm mostrado e lutado por seus interesses na igualdade de gêneros. Assim existem relatos que datam de 195 D.C., que descrevem mulheres indo ao Senado Romano protestar contra a sua exclusão do uso dos transportes públicos, que era de uso exclusivo dos homens. Ao fato, o então senador Marco Catão respondeu que se dessem às mulheres o direito de igualdade com os homens, logo elas estariam subindo às costas dos homens para governá-los. Já na Gália e Germânia, há registro de uma tribo que designava às mulheres um espaço de desempenho semelhante ao dos homens.

Ainda segundo Alves e Pitanguy (1985), a América do Século XVI era habitada, entre outros, por Iroqueses e Hurons, sociedades de caçadores e coletores nas quais inexistia o controle de um sobre o outro e divisões rígidas de tarefas e as mulheres participavam igualmente das discussões e interesses da sociedade.

De acordo com as autoras:

Historicamente, a maior participação da mulher na esfera extraordinária esteve sempre ligada ao afastamento do homem por motivo de guerras. Tal fato se repetiu inclusive nas duas grandes guerras mundiais deste século, quando a mulher participou expressivamente na forma de trabalho. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 16)

A participação da mulher no mercado de trabalho durante a Idade Média não lhe conferia nenhum prestígio social. Mais adiante nos períodos da Reforma e do Renascimento, também não eram valorizados já que o poder estava no monopólio da nobreza e do clero, baseados na posse da terra e na ascensão espiritual.

No período da Idade Média, considerado teológico, ressalta-se a maldição bíblica de Eva, retomada na caça às bruxas de Salem e mais uma vez a História atribui culpa às mulheres.

Considerado verdadeiro genocídio imposto contra o sexo feminino na Europa e nas Américas, a caça às bruxas não foi objeto de estudo amplamente divulgado e nem tão

pouco denunciado em altas esferas de poder da época. Em relação ao fato cabe perguntar, segundo Alves e Pitanguy (1985), caso esse genocídio tivesse ocorrido somente entre o sexo masculino, teria ele sido objeto de pesquisas e análises mais profundas?

Nessa perseguição às mulheres, então denominadas bruxas ou feiticeiras, existiu uma clara tentativa de manter o poder do homem, pois a mulher considerada bruxa ou feiticeira supostamente possuía um conhecimento mais amplo que permitia a ela muitos espaços de atuação, o que escapava ao domínio masculino. Um exemplo disso remete-se aos tempos remotos em que “era a mulher, curandeira e parteira, secularmente encarregada da saúde da população, o principal concorrente a ser eliminado para o estabelecimento da hegemonia da medicina” (ALVES e PITANGUY, 1985, p.22).

De acordo com as mesmas autoras, no século XIV, Christine de Pisan, escritora francesa, foi a primeira mulher a tornar-se oficialmente poeta. Ela defendia a mesma educação para meninas e meninos, fato que gerou controvérsia entre os escritores da época, impingindo mais uma vez poder do homem sobre a mulher.

Entretanto, ainda em busca de sua singularidade a mulher vem, através dos tempos, travando batalhas internas e externas, moldando-se às situações e percebendo que seu mundo de ideias diverge do sexo masculino. Nessa contemporaneidade, o movimento feminista anseia por mudança de leis, instituições, costumes e contexto social. Junto a isso será preciso amadurecimento, conforme propõe a autora:

A mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se essa ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências estranhas, o seu corpo e sua relação com o mundo. O abismo que a separa do sexo masculino foi cavado de maneira concertada desde os primeiros anos da infância; não há como impedir mais tarde que a mulher não seja o que *foi feita* e ela arrastará sempre esse passado atrás de si; em se lhe medindo o peso, compreende-se à evidência que seu destino não se acha fixado na eternidade (BEAUVOIR, 1967, p.494).

Ainda segundo a autora, diante desse caminhar lento, mas crescente, o Feminismo busca mudar conceitos, não acredita numa ideologia de inferior, superior, masculino e

feminino. Tudo é reflexo de uma diferenciação biológica. Essa diferenciação não resulta em desigualdade.

Afirmam Alves e Pitanguy (1985, p.74) que “na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas”.

Porém, o que ocorre ainda na década de 2010, segundo Santiago (2016), mesmo diante de tantos protestos e reivindicações é o predomínio do sistema patriarcal e machismo nas estruturas sociais de vários países. Em países como o Nepal, Arábia Saudita, Paquistão, Afeganistão, China, Mali, Iraque, Índia, Somália e República Democrática do Congo existem registros de mutilação genital feminina, estupro, amputações, apedrejamento e execuções, persistindo a desvalorização econômica, política e de identidade da mulher diante da sociedade.

1.2.1 Feminismo na América

Consolim (2017 a) retrata de forma cronológica as conquistas dos direitos das mulheres ao longo da história, através do surgimento e evolução do Feminismo, dividindo-os no que ela considera “três ondas feministas”. Afirma que a “primeira onda feminista” surge reconhecidamente no final do século XIX, na América e no Reino Unido, baseada em ideias de liberdade individual e igualitarismo. As reivindicações eram por igualdade jurídica, direito ao voto, acesso a instrução, profissões autônomas e salários mais justos entre outras.

De acordo com a mesma autora, registros apontam que, em 08 de março de 1857, operárias têxteis de uma fábrica de *New York* organizaram uma greve com a intenção de redução de jornada de trabalho de 16 horas para 10 horas por dia, uma vez que elas recebiam um terço dos salários dos homens. Houve repressão e as manifestantes foram presas na fábrica, que pegou fogo.

Assim,

De acordo com essa versão histórica, corroborada pela cientista política Lúcia Avelar, professora da Universidade de Brasília, o

episódio teria sido uma das motivações para a criação do Dia Internacional da Mulher em 08 de março, o que ocorreu durante a Segunda Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, em Copenhagem, no ano de 1910. (CONSOLIM, 2017b).

Entretanto, conforme Alves e Pitanguy (1985), a remuneração do trabalho feminino era menor que o masculino, o que contribuiu para a hostilização dos trabalhadores homens para com as trabalhadoras, pois a competição pelos cargos gerava uma baixa geral nos salários.

Mais adiante, o direito a voto foi adquirido pelas americanas em 1919, após vários movimentos e manifestações e, em 1951, a Organização Internacional de Trabalho aprovou a igualdade de remuneração entre o trabalho feminino e o masculino.

De acordo com Alves e Pitanguy (1985), essa suposta afirmação de igualdade entre os sexos, na verdade, conflui com a necessidade da economia da América, naquele momento. Ocorre a valorização do trabalho da mulher porque é necessário abrir mão da obra masculina devido à guerra. Porém, com o término da 2ª Guerra Mundial, observou-se um movimento para que as mulheres voltassem a ficar apenas com as atividades domésticas, já que os homens estavam retornando e assumindo o mercado de trabalho. Assim a liberdade e ideais tornaram-se mais deliberações formais do que a realidade vivida pelas americanas.

Segundo Friedan (1981), nesta época condicionou-se às mulheres que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe. Isso seria viver a feminilidade real. Eram orientadas a encontrar seu homem, tê-lo como marido, depois ter filhos e amamentá-los, cuidar deles desde as primeiras necessidades fisiológicas até a adolescência, ajudando-os a resolver seus conflitos em questões de rebeldia, pertinentes à idade. O ideal seria cuidar do seu lar, cozinhar bem e cuidar para que esses familiares, marido e filhos sempre estivessem bem. Aquelas mulheres que se dedicavam a serem poetizas, médicas ou presidentes, deveriam ser consideradas neuróticas, até mesmo pelas outras mulheres, porque as mulheres verdadeiramente femininas não planejavam ter uma carreira, não tinham necessidade de estudo superior e principalmente não se impunham lutando por direitos políticos e por sua independência. Eram consideradas mulheres com sua feminilidade e equilíbrio alcançados, quando encontravam um marido e formavam sua família.

Ainda segundo a autora, começa a surgir, de forma sutil alguns questionamentos, pequenos problemas no dia a dia dessas mulheres:

Quais as palavras usadas pelas mulheres ao tentar descrevê-lo? Às vezes diziam: “Estou me sentindo vazia... incompleta”. Ou então: “Tenho a impressão de não existir”. Às vezes apagavam a sensação com um tranquilizante, julgavam que o problema relacionava-se com o marido ou com os filhos. De quando em quando costumavam consultar um médico, apresentando sintomas que assim descreviam: “Sinto-me cansada... Zango-me tanto com as crianças que chego a me assustar... Tenho vontade de chorar sem motivo”. (Um médico em Cleveland denominou-o “Síndrome da dona de casa”). (FRIEDAN, 1981, p. 20).

Surgem também outras dificuldades que os psicólogos não identificam, relacionadas a sintomas físicos e ansiedade. A mulher passou a apresentar maior apetite sexual que o esperado, posteriormente, encontram explicação no fato de a mulher ter como sua identidade apenas ser esposa e mãe. A figura do marido e a procriação tornaram-se seus únicos focos. Como o universo masculino não girava somente em torno do lar e eles tinham outras atividades, as mulheres sentiam-se reprimidas muitas vezes em suas vontades e desejos. Iniciou-se um período de recalque sexual da mulher, presa ao lar e ao casamento, o que perdurou até o final da década de 50.

Entre os anos 1960 e 1970, conforme Consolim (2017 c), surge a “segunda onda feminista” e assim “Buscava-se uma política de respeito às diferenças e de igualdade de direitos, fundada no reconhecimento de equivalência entre os sexos, não de superioridade” (Consolim, 2017 b) .

Nesse período também acontece a Revolução Sexual, advinda principalmente da descoberta dos anticoncepcionais. Foi uma mudança de comportamento em grande escala que ocorreu em vários países, outras formas de sexo além das relações monogâmicas entre pessoas casadas e heterossexuais passaram a ser aceitas.

Segundo Lima (2017), a pílula anticoncepcional mudou a saúde e o comportamento da sociedade, possibilitando às mulheres a autonomia sobre seu corpo e escolha sobre ter ou não filhos e complementa: “Desencadeou, assim, uma mudança comportamental importante na relação das mulheres com o sexo, sobretudo do sexo fora do casamento, e é

por isso, frequentemente indicada como estopim da Revolução Sexual” (LIMA, 2017, [s/p]).

Pensamentos como o da escritora inglesa Margaret Drable contribuíram para sustentar a tese do uso dos anticoncepcionais: “Ela (a mulher) é livre agora como nunca antes[...] já que educação, poder trabalhar, pagamento igualitário e igualdade social não significavam muito quando podiam ser anulados por uma gravidez indesejada” (LIMA, 2017, [s/p]). Porém em menos de uma década, tiveram início audiências públicas que tinham por objetivos investigar os efeitos das pílulas e o comportamento da indústria e médicos sobre tais efeitos. Segundo Lima (2017), somente homens foram convocados para testemunhar sobre a segurança do medicamento. Alguns anos depois, após estudos laboratoriais, as contra indicações foram reduzidas e as mulheres passaram a decidir sobre seu uso, conforme seu planejamento de vida.

A partir de 1980, tem início a “terceira onda feminista” e segue até os dias atuais. Nessa fase, as feministas estadunidenses, conforme diz Consolim (2017 d), “focaram na mudança de estereótipos, nos retratos da mídia e na linguagem usada para definir as mulheres”. Esse período corresponde também às discussões das situações de vulnerabilidade da mulher, considerando violência por raça, etnia, condição de migrada, refugiada, entre outras.

Segundo Alves e Pitanguy (1985), o Feminismo na América está sendo construído, portanto, a partir das resistências, derrotas e conquistas que formam a História da Mulher, tornando-se assim um movimento vivo, no qual as lutas e estratégias estão em constante processo de re-criação.

CAPÍTULO 2: VIDA E OBRA

2.1 Sobre o Autor

Segundo Doren (1967), Nathaniel Hawthorne nasceu em Salem, Nova Inglaterra, em 1804. Batizado Nathaniel Hathorne, como seu pai, alterou seu segundo nome na maturidade.

Hawthorne buscava os temas de sua própria vida – “Dela exorcizava os demônios, com olhar aguçado para os sofrimentos psicológicos e os dramas morais, que ele revive por meio da arte claro-escuro”. (ROYOT, 2009, p.35). - e de seus antepassados, que viveram em colônia puritana.

Os antepassados de Hawthorne, vividos no século XVII, Willian e John Hathorne, foram citados em especial na introdução da obra *A Letra Escarlata*, pois, segundo Nathaniel, eles mantinham todos os traços puritanos, tanto os bons, como os maus. Eram perseguidores de bruxas e feiticeiras e tal fato manteve-se registrado na história.

De acordo com Doren (1967), o tema recorrente em suas obras é a confissão pública, mas há relatos de que Hawthorne confessa não saber se seus antepassados se arrependeram por suas crueldades e estão agora pagando por seus atos, mas ele se oferece para penitenciar em lugar deles e que toda maldição possa assim ser suspensa. Nessa confissão, ele exerce a questão do mito controlador, atribuída as suas obras, e talvez também uma explicação a si mesmo pelo fato de ter tido uma infância pobre e não poder ter sustentado o orgulho que os seus antepassados carregavam.

O seu pai faleceu em 1808, quando estava com quatro anos. Ficaram então, sua mãe e duas irmãs: Elizabeth dois anos mais velha que ele e Louis, quatro anos mais nova. Segundo Doren (1967), sua mãe tornou-se objeto de uma lenda romântica, na qual ela teria se isolado não só do mundo exterior como dos filhos também. Tal fato teria sido atribuído a sua viuvez aos vinte e seis anos de idade e apenas com sete anos de casamento. Após terem mudado para a casa da família Manning, pais de Mrs. Hathorne, ela teria optado por fazer suas refeições sozinha, reclamando sua irremediável situação. Porém há registros de cartas trocadas entre a mãe e Nathaniel, que se referem à troca de informações felizes e do cotidiano, contradizendo a sugerida lenda.

Ainda segundo o autor, a irmã Elizabeth escrevia sobre Nathaniel descrevendo-o como uma criança bonita e inteligente. Tinha saúde delicada e sempre ficava doente. Apesar de ter crescido em companhia feminina, foi assistido pelos tios, que cuidaram de sua educação. Não cumpriram o papel de pai, mas foram substitutos razoáveis, que o trataram com bondade uniforme.

Hawthorne inicia seus estudos aos sete anos de idade, mas, segundo ele mesmo, “era uma grande má vontade em ir à escola. Favorecendo-me a Providência, neste ponto nunca fui à metade das vezes das outras crianças, em parte devido à minha saúde delicada (que eu explorava, com essa finalidade) e principalmente porque, a maior parte do tempo, não havia escola à mão”. (DOREN, 1967, p.16,17). Muitos de seus relatos foram encontrados em seus cadernos de apontamentos que estiveram presentes em toda sua vida.

Cresceu entre Salem e Raymond e, durante esse período, escreveu versos juvenis que falavam sobre solidão e similares, mas ele mesmo não considerava bons poemas e fazia comentários desrespeitosos sobre os próprios textos. Considerava poesia algo vago como um simples pensamento. Quanto aos estudos, considerava-se um estudante ocioso, que não se preocupava com regulamentos da vida acadêmica, preferia dar ênfase às suas fantasias e ler sobre raízes gregas. Interessava-se por humanidades e não por prescrições.

Chegou a escrever para sua mãe dizendo que não gostaria de ser médico ou advogado, mas que pensava talvez em ser escritor. Tinha na época dezesseis anos e participou da sociedade literária do colégio, o Ateneu, a qual ele mesmo menciona como “progressiva ou democrática”. Contudo, apesar de ter apoio de sua irmã Elizabeth, ele acreditava que jamais poderia contentar o gosto de todo público e que escritores ganhavam muito mal, não demonstrando grande confiança na carreira de escritor.

Formou-se em 1825 e escreveu a Elizabeth, informando-a que não iria mais retornar a Raymond, devido ao tratamento distante que tivera de seus familiares Manning. Em uma obra autobiográfica, publicada em 1937, com o título *Journal of a Solitary Man*, ele explicita que bondade não é amor, referindo-se muito provavelmente aos tios que, em sua opinião, o trataram apenas como um filho adotivo, sem grande afetividade.

Parte para Salem, em 1825, e nos treze anos seguintes Hawthorne dedica-se a escrever conciliando seus peculiares pensamentos com o gosto popular. Foi um período

recluso, de imersão, saía para pequenos passeios em Salem, mas logo retornava para seu recesso. Para Hawthorne, Salem não era uma cidade que lhe proporcionava boas lembranças e alegrias.

Segundo o autor:

A Salem onde Hawthorne viveu era a cidade que ele sempre viu com certo azedume, mesmo em seus pensamentos de maior afeição. Para falar com franqueza, Salem era apenas o lugar onde Hawthorne lutava aprendendo a escrever histórias e quando eram más, a queimá-las. (DOREN, 1967, p.32).

Conforme relatou sua irmã Elizabeth, quando suas obras sofriam atrasos para impressão ou qualquer outro contratempo, ele as retomava e queimava. Além disso, queimava obras que escrevia e considerava mórbidas. Desta forma, destruiu vários de seus trabalhos.

Em 1836, muda-se para Concord, em Boston, e, em 1837, é publicada sua primeira obra *Twice-Told Tales* e finalmente Hawthorne passa a ser visto como escritor. Nesse período, Nathaniel percebe que não é possível escrever somente sobre trivialidades, e conclui que quando um escritor não tem material para escrever ou basear-se é preciso ir buscá-lo ou descobri-lo, interna ou externamente, e era isso que teria que fazer para continuar a ser um escritor. Edgar Allan Poe, famoso poeta gótico da época, faz crítica dizendo que Hawthorne teria que encontrar “uma sempre-presente força de imaginação, que daria seu próprio colorido, seu próprio cunho ao que tocasse, e, principalmente, onde houvesse impulso de tocar tudo” (DOREN, 1967, p. 20), assim Hawthorne assume seu estilo de escrita, que é gostar de escrever sobre o mundo real de forma clara, buscando personagens de profundidade psicológica e trazendo à tona assuntos abafados pela sociedade da época.

Hawthorne filia-se ao espírito do romantismo ao fazer ressurgir a “verdade do coração” e a “energia interior” de personagens em luta contra a alienação que os submete a um poder sombrio. (ROYOT, 2009, p.36).

Deixa, com o tempo, de escrever somente para agradar o que imaginava ser o gosto do público, abandonando o romance romântico de casais apaixonados e o excesso de fantasia.

Em 1842, casou-se com Sophia Peabody. Em 1844, tem sua primeira filha, Una, e, em 1845, vê-se obrigado a retornar a Salem, à antiga casa dos Manning, pois teria que melhorar sua vida financeiramente, visto que tinha uma família sob seu sustento. Ficou com sua família, na casa dos Manning, instalado por cinco anos, tempo em que produziu grandes trabalhos, apesar dos tempos difíceis.

Entre 1846 e 1849, trabalhou como inspetor portuário da Alfândega em Salem e, em 1847, nasceu Julian, o segundo filho. Passa a escrever regularmente, mantendo também atualizado seu caderno de apontamentos. Quanto menos escrevia suas obras, mais anotava seu dia a dia e fatos importantes em seus cadernos.

Em 1849, foi despedido da Alfândega e contando com algumas economias feitas por sua esposa Sophia, Hawthorne iniciou o que viria a ser sua grande obra. Porém, logo no início de seu trabalho teve que lidar com a perda da sua mãe, fato que muito o abalou, como ele mesmo anotou em seus apontamentos.

Após tal perda, continuou a escrever e em 1850, com a edição da Ticknor & Field, a obra *A Letra Escarlata* estava pronta. Essa é sua obra mais popular, apesar de ele ter lançado depois outras obras, almejando o mesmo sucesso.

Os seus editores e muitos leitores pediram-lhe insistentemente que saísse para a luz do dia. Só que nunca soube como, pois quase todos os seus símbolos derivavam desse sentimento calvinista da Depravação Inata e do Pecado Original, de cujas visitas [...] nenhuma mente profundamente pensante está sempre e totalmente livre. (CUNLIFFE, 1986, p.145).

Não se sabe ao certo o motivo de tanto sucesso e interesse pela obra *A Letra Escarlata*, há um mistério, já que o tema era velho e o autor estava repetindo o que já havia sido feito em outras obras.

Segundo o autor, “A lei violada, a culpa secreta, o anseio de confissão, o coração atento, frio, que observa e não sente – nada disto era novidade” (DOREN, 1967).

Em 1851, publicou a *Casa das Sete Torres*, e nesse mesmo ano, nasce seu terceiro filho, a menina Rose. Em 1852, publica *The Blithedale Romance*.

Entre 1853 e 1857, trabalhou como cônsul americano em Liverpool, muda-se para a Itália e retorna em 1860 para Concord, em Boston. Nesse mesmo ano, publica *The Marble Faun*.

Seu retorno a Boston casou-lhe certa estranheza no início, pois sua velha casa pareceu-lhe pequena e pobre para acomodar toda sua família e em nada lembrava as casas inglesas e italianas em que viveu. Encontrava-se em um dilema sobre ser ou não ser feliz onde estava. Em uma de suas cartas, Hawthorne escreve para seu editor Ticknor: “Nunca serei livre, como na Inglaterra e na Itália. Receio ter perdido a capacidade de viver contente, seja onde for”. (DOREN, 1967).

Faz uma pequena reforma em sua residência na tentativa de encontrar um melhor espaço para escrever, mas mesmo não encontrando a atmosfera mágica de que necessita, em 1863 consegue publicar *Our Old Home*. Em maio de 1864 Hawthorne falece em Plymouth, New Hampshire, sem ter grandes posses financeiras, deixando um legado de obras que atravessaram os séculos.

Segundo Doren (1967), Hawthorne estava fora da sua época e de qualquer outra época. Sua maior qualidade era uma imaginação séria. Séria e amorosa, capaz de suportar o horror que via em cada coração humano.

2.2 A Letra Escarlate¹

Considerado o melhor romance de Nathaniel Hawthorne, a obra *A Letra Escarlate* foi publicada em 1850 e aborda o tema do Puritanismo do século XVII. A principal personagem, Hester Prynne, carrega consigo o estigma do pecado, cometido através do adultério. Hester é condenada a usar em suas vestimentas, na altura do peito, a letra “A” de adúltera.

¹ Informações retiradas do site: <http://devaneiosregi.blogspot.com/2012/08/the-scarlet-letter-e-suas-versoes.html> Acessado em 17 de setembro de 2018.

A obra trata de valores tipicamente puritanos e como tais valores influenciaram nos comportamentos e decisões das personagens. O lançamento do livro não foi aceito por uma minoria, mesmo com os valores puritanos não estando tão em evidência por volta de 1850. Contudo, o sucesso da obra se deve ao dilema apresentado de forma controversa, podendo ser considerado até mesmo como um tabu para a época. De fato, a ideia do autor em não se deter ao caso do adultério em si, mas nas consequências que esse adultério causou na pequena colônia puritana de Boston foi notável. Para a sociedade local parecia normal que Hester e Pearl (sua filha) continuassem sendo punidas durante muito tempo depois do ocorrido.

Além disso, nessa obra, Hawthorne tem a oportunidade de explorar seus próprios sentimentos, já que havia, em seu interior, pensamentos voltados às causas puritanas de seus antepassados, envolvidos na caça às bruxas em Salem, fato esse do qual ele não tinha orgulho. O personagem Chillingworth é o que melhor representa os valores puritanos, personificando-os em suas ações.

Outro fator que contribuiu para o sucesso da obra *A Letra Escarlate* foi a publicação em larga escala, que teve início nesse período. Foi utilizada uma prensa de máquina o que permitiu uma primeira tiragem de 2500 exemplares. Os leitores tiveram a oportunidade de comentar a obra, disseminando seu conteúdo, de modo que, devido ao grande sucesso, *A Letra Escarlate* teve várias adaptações e estão registradas segundo a IMDb (*Internet Movie Database*) da empresa *Amazon*, dez adaptações para o cinema, sendo sete para o cinema mudo. Ganhou também um filme para a TV, em 1977, e uma minissérie, em 1979.

Entretanto, a última adaptação feita em 1995, com Demi Moore no papel de Hester Prynne foi bastante criticada, pois teve o seu final alterado. Mas, segundo declaração da atriz “poucas pessoas tinham lido o livro”. Porém mesmo se afastando do livro, essa última versão consegue passar a mensagem do rigor puritano da época.

2.2.1 Resumo de *A Letra Escarlate*

A obra inicia-se com o autor narrando a grande agitação em frente ao prédio da prisão da colônia de Boston, na Nova Inglaterra, século XVII.

A personagem Hester Prynne deixa o aposento da prisão e é levada ao cadafalso, para ser julgada por acusação de adultério. O que todos observam é que ela tem bordado em tom dourado escarlata no seu vestido, na altura do peito, a letra “A”, inicial de adúltera. Hester traz em seus braços sua filha Pearl, a qual deu à luz na prisão e é fruto do relacionamento com seu amante.

No cadafalso, ela é indagada pelo pretense júri sobre o pai de Pearl, mas nega-se mais uma vez a responder. Assustada, envergonhada e humilhada pela situação, ela reconhece um homem no meio da multidão. É seu marido, acompanhado de alguns índios. Ele estava sumido há algum tempo, desde que havia pedido para Hester sair da Inglaterra e ir buscar um lugar para morarem em Boston. Ele foi considerado morto, perdido nas águas do mar, por isso a penitência para Hester não foi a morte por adultério e sim usar a letra “A” por toda sua vida, como símbolo de seu pecado. Ainda levaram em consideração que era preciso que a criança tivesse uma mãe que a educasse, desde que dentro dos padrões puritanos. E isso iriam observar se Hester faria a contento.

Seu marido se informa sobre o que acontece ali e, percebendo o ocorrido mantém-se anônimo.

Hester retorna à prisão e recebe a visita de seu marido que assume então o nome de Roger Chillingworth e se apresenta como médico. Ele quer saber quem é o pai de Pearl e mais uma vez Hester se nega a responder. Ele diz que irá descobrir e força-a a prometer que não irá revelar sua verdadeira identidade. Hester concorda, pois a penitência para ela seria a morte, já que seu marido está vivo.

Chillingworth logo ganha boa reputação e, com o tempo, passa a residir com o Arthur Dimmesdale, ministro da cidade, que goza de excelente reputação e é reconhecido por sermões acalorados de moral puritana. Arthur tem apresentado saúde frágil e o médico, com seus conhecimentos de ervas e poções, que aprendeu com os índios, poderia ajudá-lo.

Hester, após ter cumprido seu período na prisão, foi solta e foi morar no campo, próximo à floresta. Para seu sustento e de Pearl, trabalhava como costureira, tornando-se exímia com linhas e agulhas. É procurada por muitos na colônia por sua costura, mas mantém-se à margem de tudo e de todos. Mesmo com tanto serviço, ainda oferece-se para

ajudar doentes e pobres. Faz visitas aos necessitados, sempre em companhia de sua filha, Pearl. As poucas vezes em que anda pela colônia é vítima de agressões verbais e de roda de conversas desrespeitosas.

Hester se empenha nas roupas de Pearl, que são exuberantes e chamam a atenção quando vão à colônia. Pearl cresce forte e saudável, muito ativa e com gostos próprios. Muitas vezes a própria mãe reconhecia nela traços estranhos e extravagantes.

Durante esse período, o falso médico descobre que o ministro Dimmesdale é pai de Pearl e, a partir daí, começa a fazer torturas psicológicas com o ministro, além de dar a ele venenos oferecidos em forma de remédios e chás caseiros.

Certa noite, Dimmesdale encontra-se tão transtornado e envergonhado pelo peso que carrega, que se encaminha para o cadafalso no qual Hester foi humilhada em público e lá se deita. Ele tem uma alucinação na qual imagina que toda a cidade está olhando para ele, e é ele quem tem a letra “A” no peito. Nesse momento, Hester e Pearl passam pelo local, porque retornavam da visita a um doente. O ministro pede que as duas fiquem com ele ali e Pearl pede para que ele as encontre no dia seguinte, pois gostava que estivessem os três juntos, apesar de não ter grande convivência com o ministro, havia algum sentimento genuíno por ele. Um meteoro passa naquele momento e com a claridade eles percebem a presença de Chillingworth.

Dimmesdale confessa a Hester que tem certo pavor do amigo médico que mora com ele, e então Hester percebe que o plano de seu marido é matar lentamente o ministro.

Algum tempo depois do ocorrido no cadafalso, Hester encontra Chillingworth na floresta. Ela diz que vai revelar a Dimmesdale que ele é seu marido desaparecido. O falso médico responde que o faça então, pois a Providência se encarregará do destino deles.

Hester e Pearl vão até a floresta, como de costume, mas, naquele dia, elas ficam a espera de Dimmesdale, que está retornando de uma visita. Ele fica surpreso ao vê-las e diz que está preocupado, pois descobre que alguém sabe do segredo deles. Hester revela a ele que é Chillingworth e conta a ele tudo o que aconteceu até aquele momento.

Dimmesdale fica muito nervoso e concorda que ele, Hester e Pearl devem fugir. Nesse momento Hester resolve retirar a letra escarlate de seu peito, mas quando isso ocorre

Pearl tem dificuldade em reconhecê-la. Para Pearl, parece que há algo de estranho na mãe. Hester então recoloca a letra, imaginando poder retirá-la novamente em breve.

Para a fuga, Hester adquire três lugares em um navio que irá partir no dia seguinte ao importante Sermão Eleitoral, que seria proferido pelo ministro. Porém, no dia do sermão, Chillingworth conversa com o capitão do navio e arruma um lugar para ele também. Hester não sabe ainda como fará para resolver essa situação.

O ministro Dimmesdale faz seu aclamado sermão e é muito elogiado. Os ouvintes consideram aquele o seu melhor texto do gênero, sem imaginar que nele o que ele faz é confessar toda sua situação de forma implícita. Inesperadamente, ele se encaminha até o cadafalso e fica de frente com seu fiel público. Chama Hester e Pearl para o encontro dele. Chillingworth tenta detê-lo, mas sem sucesso. As duas juntam-se a Dimmesdale no cadafalso.

Todo o vigor físico, mental e espiritual que o ministro depositou durante o sermão esvaia-se naquele momento e então ele foi amparado por Hester. O ministro confessa ao público que é pecador assim como Hester, e que era ele quem deveria ter ficado no lugar dela há sete anos, quando Pearl nasceu. Então ele abre suas vestes como que a mostrar a sua própria letra escarlate cravada no seu peito.

Dimmesdale cai, já sem forças, despede-se de Hester e Pearl e morre.

Um ano após a morte do ministro Dimmesdale, o falso médico Roger Chillingworth, já sem seu objeto de vingança que o manteve ardente e forte, também morre sem ter concretizado sua vingança da forma que planejara. Por sua vontade, em testamento, deixa grande parte de seus bens na Inglaterra e na colônia para Pearl.

Hester e Pearl deixam a colônia de Boston para trás, rumo à Inglaterra. Depois de muitos anos, Hester retorna sozinha para a colônia, portando ainda a letra “A” em seu peito. Volta a morar em sua cabana, agora com vários objetos que só um bom dinheiro poderia proporcionar. Não se sabe ao certo o que houve com Pearl, apenas algumas citações de que provavelmente tenha casado e que estava vivendo muito bem e talvez com filhos, pois certa vez viram Hester bordando um lindo vestidinho.

Hester usou a letra escarlate até o final de sua vida e quando morreu foi enterrada junto ao túmulo de Arthur Dimmesdale, mas com um espaço entre eles, de forma que mesmo mortos não deveriam unir-se, mesmo estando próximos.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA OBRA

3.1 O Puritanismo das personagens da pequena Boston

Hawthorne traz para a obra a grande rigidez de valores morais, o excesso de rigor e falta de escrúpulos no modo e na forma de agir dos representantes puritanos, possivelmente como forma crítica a seu antepassado John Hathorne, considerado por Hawthorne “o principal inquisidor dos episódios da caça às bruxas em Salem de 1692”. (Hawthorne *apud* Doren, 1967, p.13)

Observa-se em *A Letra Escarlate*, que o julgamento de Hester Prynne aconteceu bem ao estilo puritano, em praça pública, em frente à prisão onde se encontrava também o cadafalso, palco de grandes injustiças, um local muito semelhante ao que as feiticeiras e bruxas eram julgadas e queimadas e em que, segundo Karnal (2003), os puritanos atuaram com grande autoritarismo na perseguição às bruxas de Salem.

Aberta por dentro a porta da prisão, surgiu primeiro, de espada à cinta e empunhando o bastão do cargo, como uma sombra agourenta na luz do sol, a sinistra, hedionda figura do meirinho. Aquele personagem encarnava e simbolizava todo o torvo rigor da Legislação Puritana, de cuja estrita aplicação aos transgressores era o encarregado. Apertando a mão esquerda o distintivo de autoridade, pousava a direita no ombro de uma jovem, empurrando-a para fora... A custo fizera-se uma passagem entre os espectadores. Precedida pelo funcionário, e com um séquito de homens de cenho franzido e mulheres carrancudas, Hester Prynne dirigiu-se ao local do ultraje. (HAWTHORNE, 2006, p.59).

De fato, aquele tablado fazia parte de uma máquina punitiva que agora, há duas ou três gerações, tem sido entre nós apenas histórica e tradicional, mas nos velhos tempos, desempenhava o papel de agente de proteção dos direitos da burguesia. Era, em suma, a plataforma de um pelourinho. Sobre ela apumava-se a estrutura do tratamento de trato, tão em voga para imobilizar a cabeça humana entre garras e mantê-la à vista da multidão. Naquele aparelho de pau e ferro, exibia-se, materializado, o ideal da ignomínia. (HAWTHORNE, 2006, p.62).

Percebe-se também, que nessa mesma sociedade puritana, retratada por Hawthorne, impregnada de um conservadorismo paralítico e que mantinha uma moralidade convencional, encontravam-se as esposas puritanas que aceitavam e compartilhavam com as decisões da liderança puritana masculina, principalmente quando se tratava de punição a outras mulheres. Para elas, Hester Prynne havia criado uma mácula à condição feminina puritana. Esse tipo de atitude demonstra a influência do Puritanismo masculino entre as próprias mulheres.

- Senhoras – disse uma cinquentona de fisionomia dura -, vou revelar-vos um pouco do que penso. Seria de muito proveito geral que nós, mulheres de idade madura, e religiosas de boa reputação, tivéssemos o encargo de lidar com criminosas da espécie dessa Hester Prynne. Que achais amigas? Se a velhaca comparecesse perante nós cinco que aqui estamos, sairia com uma sentença como a que o magistrado proferiu? Palavra, não creio! – Dizem que o Reverendo Sr. Dimmesdale, o piedoso pastor, está acabrunhadíssimo com esse enorme escândalo na sua congregação. – Os juízes são cavalheiros tementes a Deus, porém por demais complacentes. Esta é que é a verdade! – acrescentou uma terceira (HAWTHORNE, 2006, p.58).

- Mas por que é que ainda discutimos emblemas e ferretes, ou se devem ser aplicados no corpete ou na frente?! – bradou outra velhota, a mais feia, a mais cruel daquelas julgadoras autoconstituídas. – Essa mulher lançou a vergonha sobre todas nós, e deve morrer! Não haverá sanções para isto? Há sim! Tanto na Escritura como no Código. Pois que os juízes, que não as aplicaram, agradeçam a si mesmos se suas esposas e filhas se perderem! (HAWTHORNE, 2006, p.59).

Mas de fato, engolidas pelo rigor e austeridade do Puritanismo, essas mulheres aceitavam as condições de sujeição às quais eram impostas. Mantinham-se obedientes em todos os sentidos com medo de serem julgadas segundo as regras puritanas. Se essas mulheres tinham pontos de vista, opiniões ou críticas, esses assuntos ficavam contidos em suas pequenas rodas femininas, nada mais, além disso.

Segundo Karnal (2003), as mulheres puritanas não tinham uma identidade legal reconhecida, e a vida delas era ligada a do pai e depois à vida do marido.

Assim como as mulheres, as crianças puritanas tinham pouca importância ou significado para a sociedade. Conforme descreve Karnal (2003), essas crianças eram

tratadas como “mini adultos” passavam a usar roupas de adultos a partir dos 07 anos de idade, roupas sóbrias para a idade. Eram ensinadas a ler a Bíblia, e iniciar suas vidas em uma grande rigidez de valores de uma moral muitas vezes convencional. Eram castigadas desde cedo, mas assim como as mulheres puritanas tinham seus próprios nichos de conversas e se apresentavam preconceituosas, imitando de certa forma a sociedade puritana adulta.

Além disso, até suas brincadeiras eram sérias e de mau gosto:

Nas ruas relvadas, ou nas portas das casas, encontrava as crianças da colônia brincando dos brinquedos soturnos que o puritanismo permitia: ir à igreja, flagelar quacres, escalar índios em combates simulados, ou apavorarem-se simultaneamente imitando esgares de feitiçaria. (HAWTHORNE, 2006, p.90).

Entretanto a rigidez puritana já lhes pesara desde cedo, pois de acordo com Beeke (1996), era preciso entender a importância da pureza da alma, não poderia existir o pecado, o que seria considerado uma rebelião moral contra Deus.

Naqueles dias a disciplina doméstica era de um tipo muito mais rígido que de agora. Usavam-se a carranca, a reprimenda áspera, a aplicação frequente do açoite, preconizada pela autoridade da Escritura, não só para punir faltas já cometidas, mas também como um regime salutar para despertar e desenvolver todas as virtudes infantis. (HAWTHORNE, 2006, p.89).

Vale lembrar que naquela pequena cidade puritana existia uma criança diferente. Pearl, filha de Hester Prynne foi criada à margem da sociedade puritana, já que “a sua vinda ao mundo fizera-se pela infração de uma grande lei”. (p.89). Ainda segundo o autor, “Pearl nascera excluída do mundo infantil. Produto e prova de pecado, não tinha direito entre as crianças cristianizadas”. (p.90).

O preconceito puritano atingia Pearl, que indiretamente carregava o mesmo estigma da mãe. Segundo Burgess (1999), os puritanos pretendiam um tipo de cristianismo exageradamente puro. Para tanto não admitiam tolerância, alegrias e eram extremamente punitivos, o que refletia desde cedo nas crianças puritanas.

A verdade era que os pequenos puritanos, filhos da casta mais intolerante que já existiu, tinham adquirido a vaga noção de que

existia, na mãe e na filha, qualquer coisa de estranho, extraterreno, fora do comum – e por isso desprezavam-nas nos seus corações e, frequentemente, injuriavam-nas com as línguas. (HAWTHORNE, 2006, p.91).

Nota-se, porém, que Hester não concordava com tanta rigidez na educação e não queria correr o risco de pecar por excesso de severidade na educação de Pearl.

Depois de experimentar risos e repelões e de constatar que nem uns nem outros produziam qualquer efeito ponderável, viu-se afinal compelida a se pôr de lado e deixar que a criança seguisse os seus impulsos naturais. (HAWTHORNE, 2006, p.89).

O pai de Pearl, o Reverendo Arthur Dimmesdale, manteve-se anônimo quanto sua paternidade durante quase toda a obra revelando-se apenas no final. Tal fato causou-lhe grande sofrimento. Observa-se que ele vivia em uma grande dualidade, entre confessar à sociedade o relacionamento que teve com Hester Prynne ou manter-se como o pastor tão reverenciado por todos os puritanos.

Ou seja, Dimmesdale vivia o que os puritanos chamavam de “a graça barata”, segundo o autor Beeke (1996). Os puritanos combatiam com veemência as pessoas que diziam aceitar Jesus na sua vida, mas que viviam sobre princípios egocêntricos (o relacionamento dele com Hester Prynne seria assim considerado).

De fato, mesmo sem notar, era o que o reverendo havia feito. Ele sentia na sua própria vida toda a obsessão calvinista por moralidade, repressão social e culpa. Em seus sermões, deixava bem claro a dualidade que vivia, e tentava dizer aos seus ouvintes que se sentia um pecador, mas não conseguia.

É inconcebível a aflição com que o torturava aquela veneração pública! O seu verdadeira impulso lavava-o a adorar a verdade e considerar nulas, inteiramente destituídas de peso e valor, as coisas que não possuem, como vida dentro das próprias vidas, a sua divina essência. E assim sendo, que era ele? Uma substância? Ou a mais apagada sombra? E sonhava falar do púlpito, a plenos pulmões e se revelar ao povo. (HAWTHORNE, 2006, p.130).

Mais uma vez o Sr. Dimmesdale fora ao púlpito com o propósito de não descer de lá sem ter proferido tais palavras. Mais uma vez havia pigarreado, tomado o longo, profundo e trêmulo hausto de ar que ao ser expelido devia sair carregado com o negro segredo da sua alma. E mais uma vez – mais de uma centena de vezes – já havia falado.

Falado! Mas como? Dizendo aos ouvintes que era completamente vil. O mais vil, entre os mais vis, o pior dos pecadores, uma abominação, uma criatura de imaginável iniquidade. Dizendo-lhes que o que o espantava era o que ainda não tivessem visto o seu corpo infeliz queimado a vista de todos pela ira candente do Todo-Poderoso! Poderia haver discurso mais claro do que este? Não iria o povo pular das cadeiras num arremesso unânime a arrancá-lo do púlpito de que ele não era digno? Realmente não! O povo ouvia tudo e não fazia mais que o reverenciar em redobrado fervor. Não percebia o que de profundamente sentido havia naquelas palavras de autocondenação. (HAWTHORNE, 2006, p.130).

No quarto particular do Sr. Dimmesdale, havia um látego ensanguentado. E, frequentemente, este sacerdote protestante e puritano brandia-o sobre os seus próprios ombros, gargalhando amargamente e flagelando-se com mais encarniçamento por causa desse amargo gargalhar. (HAWTHORNE, 2006, p.131).

Nota-se que Arthur Dimmesdale, devido a seus valores puritanos, considerava-se um pecador, assim como considerava Hester Prynne. Nas leituras das Escrituras Sagradas, não encontrava respostas à situação vivida com Hester. Os textos tratavam o sexo, assim como o adultério, como tabus. Assuntos assim eram considerados pecado, conforme apresenta Lloyd-Jones (2016).

Pode-se verificar que havia em Dimmesdale um desejo de ser perdoado por aquilo que considerava um pecado eterno em sua vida.

- Oh! não, não! – prosseguiu o Sr. Dimmesdale. – Crede-me que ela reconhece na existência dessa filha o solene milagre que Deus operou. E deve também sentir – segundo acredito – que esta dádiva tem por missão, acima de tudo, conservar viva a alma da mãe e preservá-la dos abismos ainda mais negros a que Satanás queira atirá-la. Assim, há de ser bom para esta pobre pecadora ter confiado aos seus cuidados um ente capaz de alegria ou tristeza, para que ela o exercite na retidão, para que a todo instante lhe perdoe o seu erro, e também para ensinar—lhe que – como consta da sagrada promessa do Criador -, se ela levar a filha ao Céu, a filha levará os pais! (HAWTHORNE, 2006, p.106).

Encontra-se desta forma uma forte tendência do Puritanismo em transformar todo e qualquer tipo de erro, ou atitude diferente do que eles consideravam moral em pecado, ou seja, pregavam a Doutrina do Pecado.

3.2 O Feminismo de Hester Prynne

A Letra Escarlate foi escrita na época em que a emancipação feminina dava seus primeiros passos, as mulheres lutavam pelo direito à educação e por menos controle de seus maridos sobre elas, ainda que de forma muito sutil e difusa. Nesse contexto, verifica-se na obra a ideia do autor (não se sabe se intencional ou não) de mostrar, através da personagem Hester Prynne, algumas das principais características de uma mulher com atitudes feministas. A personagem de Hawthorne apresenta posicionamento contra as duras críticas dos puritanos e cultivava a emancipação feminina, o que atualmente é chamado de empoderamento feminino, representado por uma mulher a frente de seu tempo.

Observa-se que as atitudes obstinadas de Hester contradiziam as das mulheres puritanas típicas. Para ela, assumir suas opiniões e resoluções fazia parte de sua existência, conforme é retratado no capítulo em que é forçada a confessar o nome de seu amante.

Revela o nome! Isto e o teu arrependimento podem influir para te arrancar do seio da letra escarlate! – Nunca! – retrucou Hester Prynne olhando para os olhos profundos e perturbados do sacerdote mais moço. – A letra escarlate está por demais gravada. Não poderíeis arrancá-la. E, quanto a ele, eu quisera sofrer a sua agonia tanto quanto a minha! – Fala mulher! – disse, fria e severamente, outra voz que vonha da turba em redor do cadafalso – Fala e dá um pai à tua filha!. – Não falarei! – respondeu Hester, tornando-se pálida como morta, mas replicando à voz que reconheceu com absoluta certeza. – E minha filha terá que procurar um Pai no Céu. Jamais o conhecerá na Terra! – Não falará! – murmurou o Sr. Dimmesdale, que, debruçado na tribuna, com a mão no coração, aguardava o resultado do seu apelo. – Prodigiosa energia, generosidade admirável de um coração de mulher! Não falará! (HAWTHORNE, 2006, p.71).

Entende-se que devido às punições impostas pela sociedade puritana de Boston, Hester vê-se obrigada a viver com sua filha Pearl em uma casa isolada próximo à floresta e então, para sobrevivência de ambas passou a costurar. Construiu sua independência financeira e obviamente fugia do padrão de uma família puritana, pois era uma mãe solteira, que vivia com uma filha, numa casa sem marido nem pai. Ainda que causada por total necessidade no início, a independência financeira conquistada por Hester afigura-se

como uma característica feminista. Poucas coisas uma mulher poderia fazer naquela época, seguindo a ordem social puritana, e então Hester passava os dias “entretida a trabalhar com a agulha à janela do chalé”. (HAWTHORNE, 2006).

Seus bordados eram vistos nos tufos das golas do governador; os militares usavam-nos em suas fardamentas e os ministros de culto em suas togas; adornavam as touquinhas das crianças; baixavam à terra com as mortalhas dos defuntos, para com o rodas do tempo se desfazerem em pó. Pouco a pouco, não muito lentamente, o seu trabalho se tornou o que agora se chama de “moda”. Fosse por qualquer outra circunstância incompreensível então, como agora; ou porque Hester suprisse realmente uma deficiência que, sem ela, permaneceria – o certo é que encontrava trabalho honesto para quantas horas pudesse manejar a agulha. (HAWTHORNE, 2006, p.82).

Esses mesmos conceitos puritanos coincidem com o conceito aplicado no término da Segunda Guerra Mundial, em que, segundo Friednam (1981), o papel da mulher estava condicionado a realizar-se como dona do lar, esposa e mãe.

Considerando-se ainda o contexto de independência vivido por Hester, Hawthorne afirma:

Assim Hester Prynne veio a ter um papel a desempenhar no mundo. A sociedade, que a marcara com um ferrete mais intolerável para um coração de mulher do que o que assinalou a fronte de Caim, não a pôde proscrever completamente, vencendo-lhe a natural energia de caráter, e a rara capacidade. (HAWTHORNE, 2006, p.83).

Retomando a citação acima, é possível notar que assim como Hester Prynne construiu seu papel na sociedade de sua época, vencendo as resistências pouco a pouco e mostrando-se capaz, o Feminismo, nos dias atuais, também ainda está sendo construído, pois é um movimento vivo e dinâmico, com constantes intervenções, conforme afirmam Alves e Pitanguy (1985).

Além disso, a personagem adquire durante a obra percepção sobre si e amor próprio conseguindo mudar seu estigma, portando-se de forma equilibrada e controlada diante das situações que a sociedade puritana lhe impunha:

A letra era o emblema de sua profissão. Encontrava-se nela tanto arrimo, tanta capacidade de servir e de se compadecer – que muitas pessoas se recusavam a dar ao “A” a sua primitiva significação.

Diziam que ele significava *Amiga*. Tão forte era, Hester Prynne com uma força de mulher. (HAWTHORNE, 2006, p.145).

Observa-se que Hawthorne consegue antecipar em mais de um século o discurso de Beauvoir (1967) sobre a necessidade de mudanças e amadurecimento dos conceitos feministas, quando o autor ostenta em Hester essa mesma necessidade de mudança, nítida nos pensamentos da personagem:

Na verdade, a apreensiva interrogação se erguia no seu espírito a propósito de todo o sexo feminino. Mesmo para as mais felizes a vida seria digna de ser vivida? Quanto a si, havia muito tempo respondera pela negativa, e abandonara a cogitação como caso resolvido. A tendência para a reflexão, embora torne a mulher calma, como faz com os homens, entristece-a. Parece que ela vê diante de si uma tarefa desesperada. Antes de tudo, é preciso que todo o sistema social seja subvertido, e edificado outro. Depois o próprio caráter do sexo oposto, ou seu hábito, que vem de longe, que se fez como que natureza, precisa ser essencialmente modificado, antes que se permita à mulher assumir o que parece uma posição justa e adequada. E ainda assim, removidas todas as demais dificuldades, ela não poderá colher os benefícios dessas reformas preliminares enquanto não passar por uma transformação mais profunda, durante a qual talvez se seja evaporar a essência etérea em que se condensa o mais autêntico da sua existência. Uma mulher jamais domina estes problemas pelo exercício do pensamento. São insolúveis, ou só tem uma solução. E se acontece que o coração feminino se sobrepõe a eles, desaparecem. (HAWTHORNE, 2006, p.148).

Nota-se também, em vários trechos da obra, que, mesmo diante da necessidade que sentia de transformações na sociedade puritana que vivia, Hester conseguia viver com ideais e atitudes de liberdade individual e igualdade:

Hester Prynne, porém, dona de um espírito naturalmente bravo e ativo, e por tanto tempo não apenas afastada, mas escorraçada da sociedade, habituara-se a uma independência de pensamento de que o sacerdote era absolutamente incapaz. (HAWTHORNE, 2006, p.176).

A inteligência e o coração de Hester tinham por lar os lugares ermos, por onde ela errava tão livre quanto um índio nos bosques nativos. Durante anos encarara deste estranho ponto de vista as instituições humanas e o que os padres e os legisladores haviam estabelecido, criticando tudo como um reverência pouco maior do que um selvagem sentiria pelas vestes clericais, pela toga dos juízes, pelo pelourinho, pelos tormentos, pela lareira e pela igreja. A sina e os acontecimentos deixaram-na liberta. A letra escarlate era seu

passaporte, para regiões que outras mulheres não ousavam palmilhar. (HAWTHORNE, 2006, p.176).

Comparativamente, esses ideais e atitudes, presentes na personagem, são considerados marcas do Feminismo, conforme Consolin (2017 b) retratou na “primeira onda feminista” que surgiu no final do século XIX.

Mais uma vez antecipando o que Consolin (2017 d) denomina de “terceira onda feminista”, que ocorre a partir dos anos 80 e propõe uma nova linguagem para definir as mulheres e mudança de estereótipos, Hawthorne apresenta outro aspecto de libertação de Hester Prynne quando descreve seu desprendimento das vestes puritanas, como a touca que lhe prende os cabelos, propiciando à personagem um encontro com sua feminilidade.

Noutro impulso, arrancou o chapéu que lhe escondia os cabelos – e, em ondas pelos seus ombros, eles rolaram negros e abundantes, massa ao mesmo tempo sombria e luminosa que lhe emprestava à fisionomia um encanto meigo. Brincava-lhe nos lábios e fulgia-lhe nos olhos um sorriso radiante e terno, que parecia jorrar do próprio seio da feminilidade. (HAWTHORNE, 2006, p.179).

Na obra, Hester Prynne torna-se uma espécie de conselheira, principalmente das mulheres, quando, depois de muito tempo, retorna de Boston. O amor próprio adquirido e a capacidade de auxiliar outras mulheres em busca de suas próprias redenções são também características atribuídas ao Feminismo. Assim Hawthorne define o papel de Hester para com essas pessoas:

E, como Hester Prynne não alimentava intuítos egoístas nem de modo algum vivia para outros proveitos o povo lhe trazia todas as suas dores e incertezas, pedindo-lhe conselhos, como a alguém que já passara por um transe decisivo. As mulheres, com mais frequência, nos vaivens contínuos das paixões feridas, arruinadas, desiludidas, impossíveis, transviadas ou pecaminosas – ou com a temerosa angústia de um coração que não se declara porque o desvalioso e anônimo – corriam a sua cabana para lhe perguntar por que eram tão infelizes, e para lhe pedir um remédio! Hester confortava-as e aconselhava-as o melhor que podia. Garantia-lhes também, numa convicção sincera, que, em alguma época mais brilhante, quando o mundo estiver em condições de merecê-la, no próprio período do Céu, uma verdade nova será revelada para estabelecer, num terreno de felicidade mútua, a relação entre o homem e a mulher. (HAWTHORNE, 2006, p.224).

O papel de Hester em oferecer ajuda àquelas que a procuravam, muito se assemelha ao fenômeno ocorrido na década de 1950, nos Estados Unidos, conforme afirma a autora Friednan (1981). Segundo a autora, nessa época, os consultórios médicos e psicológicos recebiam muitas mulheres com seus sintomas, dores e questionamentos, muitas vezes sem soluções. O que acontecia na época era a vontade incontida de libertar-se e mudar o estereótipo definido até então para essas mulheres. Ansiavam por liberdade e igualdade.

O esforço feminino pela igualdade de gêneros é contemplado por Hawthorne, ainda que de forma simbólica, na igualdade do casal Hester e Dimesdale em seu pecado, já que foi cometido por ambos. Hawthorne mostra essa mesma igualdade, também de forma simbólica, no final da obra quando compartilha o mesmo epitáfio em suas lápides. “Num campo severo, imenso, negro e triste, gravada a vermelho, a letra A subsiste!” O autor encerra a obra mencionando que “Todavia uma lápide servia para ambos” (HAWTHORNE, 2006, p.224), sugerindo a possibilidade de igualdade entre ambos.

Hawthorne pode ter criado, nessa obra, a primeira manifestação feminista, pois transformou a punição de Hester Prynne em grande poder feminino.

CONCLUSÃO

Encontrar características do Puritanismo e do Feminismo na obra *A Letra Escarlate* era o objetivo deste trabalho. Para isso, pesquisou-se obras de teóricos que estudam os assuntos pertinentes e notou-se, após vários apontamentos, que Hawthorne escreveu com maestria quando colocou em um mesmo universo o Puritanismo e o Feminismo confrontando-os em seus personagens.

Observado, durante as pesquisas, todo o histórico de Hawthorne no que se refere a Salem, concluiu-se que o autor conseguiu trazer através de Hester Prynne ideias revolucionárias de um Feminismo que não existia na sua época, porém, ao mesmo tempo, a obra não deixa de seguir o tom puritano, pois era preciso, naquela época, estar de acordo com um mínimo de ética puritana.

Percebeu-se também que, durante toda a obra, não foi apontada, nem sequer cogitada, qual seria a punição para o pai da criança (Pearl), caso Hester Prynne tivesse revelado o nome. Notadamente mais uma característica, talvez a mais marcante do Puritanismo nessa obra, que confere o pecado apenas a Hester, mostrando assim que a sociedade puritana punia a quebra da disciplina, não como questão teológica, mas sim como questão social, atingindo mais as mulheres. Provavelmente esse tenha sido o intuito do autor, como forma de crítica ao Puritanismo.

Constatou-se que, na sociedade puritana, havia várias atitudes passíveis de punição como gravidez fora do casamento, por exemplo. Desta forma, a prevenção sexual para os puritanos, atingia as mulheres, sem responsabilizar os homens pelo ato. Como resultado, notou-se que as questões sexuais, extremamente controladas no Puritanismo, já evidenciavam uma posição de submissão e opressão do feminino.

Outra relevância é conferida à obra quando se descobre um significado que vai além da crítica da sociedade do século XVII, na Nova Inglaterra. Através da personagem Pearl, cria-se a possibilidade de que a forma tão austera, rígida e fechada do Puritanismo poderia transformar-se no decorrer dos tempos. Pearl é fruto do relacionamento de um homem totalmente convencido à moral rígida e conservadora do Puritanismo, com uma mulher além do seu tempo, com características típicas do Feminismo. Do mesmo modo, de

tempos em tempos, uma ostra é aberta para que de dentro dela seja retirado o seu melhor resultado: a pérola rara. Pearl representa essa pérola retirada de uma ostra. Simboliza a adequação do Puritanismo e do Feminismo na esperança da construção de novas épocas.

Assim, o objetivo proposto de apresentar características do Puritanismo e do Feminismo na obra foi alcançado com êxito, mas vale lembrar que a obra analisada permite uma vastidão de abordagens identicamente importantes como essa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

_____ **O Segundo Sexo. Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEEKE, Joel R. **Tocha dos Puritanos**. Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996.

BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 2004.

CUNLIFFE, Marcus. **História da Literatura dos Estados Unidos**. Portugal: Biblioteca Universitária - Europa-América, 1986.

DOREN, Mark Van. **Nathaniel Hawthorne**. São Paulo: Martins Editora, 1967.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

HAWTHORNE, Nathaniel. **A Letra Escarlate**. São Paulo. Martin Claret, 2006.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos. A Formação da Nação**. São Paulo: Contexto, 2003.

LLOYD-JONES, D.M. **O Puritanismo e suas origens**. São Paulo: PES, 2003.

ROYOT, Daniel. **A Literatura Americana**. São Paulo: Ática, 2009.

WEBGRAFIA

(a) CONSOLIN, Verônica Homs. 2017. Disponível em:

<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/13/um-pouco-da-historia-de-conquistas-dos-direitos-das-mulheres-e-do-feminismo/> Acessado em: 26 de agosto de 2018.

(b) _____ Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/14/historia-da-primeira-onda-feminista/> Acessado em: 26 de agosto de 2018.

(c) _____ Disponível em:

<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/> Acessado em: 26 de agosto de 2018.

(d) _____ Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/> Acessado em: 26 de agosto de 2018.

LIMA, Juliana Domingos. 2017. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/09/15/P%C3%ADlula-anticoncepcional-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-sexual-%C3%A0-revis%C3%A3o-de-seu-uso> Acessado em 17 de setembro de 2018.

BORRASCHI, Regilene. 2012. Disponível em:

<http://devaneiosregi.blogspot.com/2012/08/the-scarlet-letter-e-suas-versoes.html> Acessado em 17 de setembro de 2018.

SANTIAGO, Bento. 2016. Disponível em: <https://plus.google.com/+BentoSantiago> Acessado em 10 de outubro de 2018.